

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2019

RAZÃO E PIEDADE NO LABOR TEOLÓGICO

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017. 333 p.

Me. Elias Gomes da Silva¹

O livro do teólogo e filósofo brasileiro Jonas Madureira chegou ao mercado editorial teológico/reformado, expressamente recomendado por diversos pesquisadores da respectiva área. Além do valioso prefácio do Dr. Russell Shedd, a obra ainda conta com endossos de outros nomes tais como: Franklin Ferreira, Augustus Nicodemus, Luiz Sayão, Ronaldo Lidório, Hélder Cardin, entre outros. Todos eles, servindo-se da fundamentação do conceito de “Inteligência Humilhada”, procuram evidenciar a pertinência da pesquisa do autor em mais uma vez demonstrar a necessidade que o exercício teológico possui de despertar o interesse por uma razão que ora e uma fé que pensa. Isto é, para Jonas Madureira, o labor teológico só pode ser executado de maneira significativa, quando a *racionalidade e a vida cristã piedosa* andam juntos.

¹O autor é Professor de Filosofia pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP). Especialista em Filosofia Contemporânea (FACEL). Especialista em Teologia Sistemática (CPAJ/MACKENZIE). Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atualmente o mesmo desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia, Educação e Cultura Religiosa. Endereço eletrônico: filosofia.elias@hotmail.com

Segundo o autor, a ideia de Inteligência Humilhada não deve ser confundida como uma espécie de sacrifício do intelecto em favor da fé, nem tão pouco como do sacrifício da fé em favor do intelecto (p. 22). Portanto, é necessário encontrar o equilíbrio entre os dois extremos, pois somente assim haverá uma produção teológica de caráter piedoso.

Do ponto de vista estrutural, além de uma boa introdução e conclusão o respectivo livro foi dividido em cinco capítulos principias, intitulados da seguinte forma: Capítulo 1: *Teologia Diante de Deus* (p. 25-68); Capítulo 2: *O Conhecimento na Desgraça* (p. 69-110); Capítulo 3: *O Deus Humilhado* (p. 111-188); Capítulo 4: *A Teologia do Autoconhecimento* (p. 189-248); Capítulo 5: *A Tradição dos Teólogos* (p. 249-322). Vejamos pois.

Na introdução do livro, Jonas Madureira procura estabelecer alguns apontamentos importantes sobre a centralidade da temática desenvolvida em sua pesquisa. Em geral ele vai afirmar os motivos que o levaram a escrever este livro. Para o autor, a igreja tem sofrido muito por causa da ausência do equilíbrio entre produção teológica e ministério pastoral. Isto é, sentimos falta do pastor teólogo, já que pastores e líderes têm desistido de ser teólogos para se tornarem uma espécie de diretores executivos, ou ativista políticos, ou gurus psicoterapêuticos (p. 24). Exemplificando, a introdução é concluída com as palavras de João Calvino que diz: *Que aqueles que desejam desempenhar bem a tarefa do ministério da Palavra aprendam não apenas a discursar e a falar em público, mas especialmente a penetrar na consciência, para que pessoas vejam o Cristo crucificado e seu sangue escorrendo* (p. 24).

No capítulo um (A Teologia Diante de Deus), Jonas Madureira inicia fazendo um esclarecimento significativo entre os chamados *fideísmo* e *racionalismo*. Segundo o mesmo, o seu ponto de partida repousa sobre equilíbrio entre estes dois extremos (p. 25). O erro do fideísmo está em preferencialmente negar, afirmando que a compreensão da realidade divina seja mero fruto da racionalidade, visto que essa realidade é apreendida apenas por um exercício de fé ou por um “salto de fé” (p. 25). Em contrapartida, o equívoco do racionalismo está em se esforçar esmeradamente para encontrar razões, evidências ou indícios que sirvam para fundamentar o conhecimento de Deus (p. 26). Ou seja, a fé não é necessária para o conhecimento, pois trata-se apenas de algo subjetivo e, por isso, não passa de questão de foro íntimo (p. 26). Diferente do conceito de *inteligência humilhada*. Tal conceito é pensando

entre os dois extremos. Não se trata da morte da fé nem da morte da razão (p. 27). A inteligência humilhada é fé que não tem medo de pensar, duvidar ou questionar. Isto é, a fé verdadeira não precisa morrer, só precisa pensar. Uma fé assim percebe a racionalidade e a ordem divina nas coisas criadas sem de forma alguma anular-se ou destruir-se. É possível ser piedoso e, ao mesmo tempo, inteligente (p. 27).

Ainda no primeiro capítulo, nosso autor vai nos fornecer outros exemplos: começando com a ideia de *Teologia na Segundo pessoa* (p. 28). Fazer teologia a partir desse procedimento, está no reconhecimento e valoração da chamada *tradição cristã*. Ora, o ato e a defesa do princípio protestante da *Sola Scriptura*, não pode patrocinar a ilusão teológica de que além, munido apenas das Escrituras Sagradas, poderá construir sua teologia independentemente, isto é, a partir do nada. Tal ilusão nega o caráter histórico e orgânico da teologia, e por essa razão deve ser considerada falsa (p. 29). Nenhum teólogo que segue a direção de sua própria bússola teria descoberto por si mesmo aquilo que agora confessa e defende com base apenas na leitura das Escrituras. Portanto, a maior parte de seus fundamentos teológicos é resultado da apreensão que ele faz da tradição cristã, e mesmo as provas que ele cita das Escrituras, pelo menos como regra, não foram descobertas por ele, mas sugeridas a ele por seus predecessores. Essa é a condição do labor teológico na segundo pessoa (p. 30).

Proporcionalmente, a partir deste fato – Madureira vai apontar desdobramentos naturais, tais como: *o conhecimento de si mesmo* (p. 34- 44); *a humildade arrogante* (p. 44- 51); *a condição da humilhação* (p. 51- 55); *autoabsorção narcisista* (p. 55- 58); *o tolo e as sombras da caverna* (p. 59- 68). Resumindo: como eixo central, o que temos uma espécie de “confronto” ou “acomodação” orgânica entre a *finitude humana e infinitude divina*. Por exemplo, de um lado, existe a defesa de que a própria infinitude de Deus não nos permite conhecê-lo em absoluto, já que ele, por sua natureza, não pode ser conhecido de maneira exaustiva (p. 40). É necessário sempre reconhecermos a nossa real pequenez, ou seja, nossa finitude. Logo, para conhecer a Deus, precisamos sempre de mediações, o que nos impede de, por nós mesmos, falar sobre Deus de maneira adequada (p. 42), ao mesmo tempo – de maneira paradoxal, não precisamos de mediação (p. 42-43). Assim, toda tentativa de negar essa realidade é classificada pelo nosso autor como “humildade

arrogante” (p. 44).

No segundo capítulo (O Conhecimento na Desgraça), a pesquisa girou entorno da chamada *Teologia Natural*. Diferentemente dos que procuram defender a possibilidade de uma epistemologia teológica “autônoma” e sem o auxílio retentivo de Deus, J. Madureira parte do pressuposto de que tal empreendimento não pode ser executado de fato. Isto é, nossa inteligência não foi feita para ser livre, pois a mesma sempre está submissa a alguma cosmovisão (p. 108-109). Dessa forma, o conceito de *livre pensamento* deve ser considerado apenas um “jogo de marketing”. Diferente da epistemologia sinergista, cuja salvação não é uma obra única e exclusiva de Deus. O autor defende a postura monergista, pautada no fato de que a salvação segue rigorosamente o princípio do *Soli Deo gloria* (p. 70-71). Historicamente sempre houve confrontos e embates entre esses dois tipos de perspectivas epistemológicas (sinergista e monergista). Nesse sentido, para evitar equívocos, torna-se imprescindível entendermos a insuficiência da razão humana (p. 74). É necessário compreender que não se trata apenas dos efeitos da Queda ou do pecado original. Mesmo antes da Queda, Adão necessitava da graça de Deus para conhecer e agir de modo justo. O autor afirma: “[...] a teologia cristã nos ensina que a autonomia humana não passa de ilusão, pois o homem foi criado para ser exatamente assim: insuficiente” (p. 74). Assim, o conhecimento de Deus adquirido por intermédio da criação apenas é um conhecimento que, de certo modo, não nos apresenta Deus suficientemente bem (p. 84). O conhecimento natural de Deus carece, portanto, da graça; sem a graça, o conhecimento que temos de Deus jamais será aperfeiçoado; sem graça, o conhecimento natural não nos salva, pois produz falsos deuses (p. 88). Por isso, quem adere ao viés da inteligência humilhada deve preferencialmente assumir a sua total dependência intelectual da graça e, por isso, possui o pensamento mais realista que alguém pode ter na vida (p. 109).

O Deus humilhado (Terceiro Capítulo), trata de um misto de evidência apologéticas, cuja problemática principal é questão da Teodiceia. Isto é, a construção de argumentos supostamente lógicos e convincentes, capazes de ao menos tentar dar respostas ao problema do mal no mundo. Dito de outra forma: o cristão reconhece que a crença do Deus da Bíblia, pressupõe a coabitação da bondade e a onipotência divina, mas, que, quando ele se depara com as consequências da presença do mal no mundo, tem duas reações: uma

lógica e outra emocional (p. 177). Proporcionalmente, as duas reações devem estabelecer parâmetros diferentes. Enquanto as reações lógicas são capazes de produzir e reivindicar uma “apologética”, as reações emocionais produzem e reivindicam uma “teodiceia” (p. 177). No primeiro caso – predomina uma inteligência humilhada, cujo objetivo principal está em demonstrar que a crença em Deus Pai, todo-poderoso, e presença do mal no mundo não implicam uma contradição. Isso significa que, do ponto de vista lógico, o cristão não encontrará razões suficientes para duvidar nem do poder de Deus nem do seu amor, ainda que a presença do mal seja absolutamente terrível (p. 179). Já no segundo caso – as chamadas reações emocionais, os objetivos são outros. Trata-se da inútil tentativa de justificar a Deus diante da presença do mal no mundo (p. 180). Nesse sentido, a teodiceia vai muito mais além do que apologética ao prometer encontrar o que não pode: uma resposta para a questão “De onde vem o mal?” ou “Por que Deus permite o mal?” (p. 180). Esse tipo de “emocionalismo teológico”, infelizmente, tem produzido diversos equívocos que apontam para uma espécie de “mutilação” de atributos vitais, tais como; as distorções da bondade de Deus e a resignificação de sua onipotência. Portanto, a defesa apologética de um *Deus Humilhado*, mais uma vez reafirma a crença concomitante de um Deus todo-bondoso e todo-poderoso (p. 189).

O quarto capítulo (A Teologia do Autoconhecimento) vai apontar para uma tríade antropológica cujos pressupostos básicos são: (1) *O homem é um ser vivente*; (2) *Um ser vivente não vive por si, mas por Deus, ou seja, o homem é um ser autorizado por Deus para viver*; (3) *A carne é aquilo que volta para o pó, porque do pó veio* (Gn 27). Consequentemente, tais evidências devem desencadear um comportamento teológico no mínimo diferenciado. Isto é, a nossa produção teológica deve partir do autoconhecimento do homem como está descrito nas escrituras (p. 247). As Escrituras apontam que o homem é um ser essencialmente finito e marcado pela debilidade de sua carne. Isso equivale dizer que o homem em si é “débil”, porque sua carne é efêmera como a erva e “dependente”, porque para viver e sobreviver ele está à mercê de Deus, que é o único que concede vida aos seres viventes, bem como o único que pode mantê-la (p. 246). Somente é possível desenvolver uma inteligência humilhada de fato, quando passarmos a entender os pressupostos que norteiam a Antropologia Bíblica. A *Teologia do Autoconhecimento* nos

permite melhor desenvolvermos a união entre a razão e a piedade no labor teológico.

Por último, Jonas Madureira termina o seu livro com a pesquisa denominada *A Tradição dos Teólogos* (quinto capítulo). Em suma, trata-se de demonstrar o propósito último da Palavra de Deus não a mera e sistêmica informação teológica, mas, sobretudo, a transformação de coração e da vida (p. 321). Isto é, o conhecimento bíblico e a perícia teológica não são, e não devem ser, o fim da Palavra, mas um meio ordenado por Deus para um fim e o fim é uma vida radicalmente transformada (p. 321). O trabalho teológico deve fazer com que o Mestre ou teólogo deseje ardentemente influenciar seus alunos a crescer no amor em Cristo. Somente assim, a razão e a piedade podem de fato andar juntas. Historicamente – sobretudo na tradição dos grandes teólogos – sempre se reconheceu que a verdadeira missão da teologia está pautada debaixo da natureza proposicional da autorrevelação de Deus (306-309). Por isso, a defesa de um racionalismo “isolado” e “autônomo” é ilusória. A Bíblia é fonte eficaz da autorrevelação de Deus. Em sua dimensão proporcional, a autorrevelação de Deus torna-se o parâmetro de toda verdade e, conseqüentemente, o principal instrumento pelo qual o labor teológico pode ser efetivado (p. 310). Assim, não é a Palavra que deve se acomodar à mente do teólogo, mas é a mente do teólogo que deve se dilatar para receber a Palavra de Deus (p. 320). O conceito de uma *Inteligência Humilhada* é construído obrigatoriamente a partir desses pressupostos.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional